TEORIA E CRÍTICA EM ARTE VISUAL - EaD.

Módulo I

Conceitos Gerais: Crítica e Teorias da Arte Visual.

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

Unidade de Conteúdo 3

Artistas: características e tipificação.

Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Pode-se explorar um pouco mais o percurso histórico da Arte Visual no intuito de verificar como o produtor de arte, comumente chamado de artista, assumiu diferentes perfis ao longo do tempo fosse como operário, criador coletivo, colaborativo ou autônomo no contexto da Arte Visual. Pode-se inferir que na pré-história agia por conta própria, uma espécie de mago que atuava na relação entre o mundo natural e o sobrenatural como se aceita nas hipóteses recorrentes, entendendo que suas obras tinham caráter simbólico, mágico-propiciatórios.

Na antiguidade passa a atuar como operário, artesão especializado dedicado a executar obras que relatavam, informavam, por meio de imagens, as efemérides do poder realizadas pela monarquia, sacerdotes, guerreiros, heróis e agregados.

Isto não difere muito do que ainda faz na Idade Média, na Idade Moderna e, em certa medida, contemporaneamente. Estar a serviço do núcleo dominante da sociedade como seu repórter ou ilustrador tem sido uma função recorrente na Arte Visual, mas não a única.

De um lado ou de outro, estar à serviço ou em oposição ao poder tem caracterizado a presença da Arte na história. Ora os artistas dependem do poder, ora o condenam. Queira ou não a Arte está sempre em diálogo com a sociedade e, este diálogo, nem sempre é equilibrado, cordato ou mesmo consciente, mas decorrente ou gerador de tensões e distensões comuns na relação da Arte com a sociedade.

Há períodos em que a Arte produz aquilo que a sociedade espera dela e, em outros, opera ao contrário, faz exatamente o que se opõe a ela e, nestes momentos a incompreensão, desinformação, conflitos e confrontos são percebidos como rupturas.

Um dos exemplos mais emblemático é a oposição entre Classicismo e Modernismo que ocorreu entre os séculos XIX e XX.

Pode-se dizer que a grande ruptura com a hegemonia do poder sobre a Arte ocorre com o advento da Modernidade, no entanto, isto não quer dizer que a vinculação da Arte com o poder foi completamente abolida, significa apenas que esta relação muda de posição. A partir do Modernismo o artista assume maior autonomia criativa, mas não se liberta das amarras do poder dominante.

Se até o século XIX as diretrizes para a criação artística eram dadas pela elite dominante de acordo com seu gosto e interesses, a partir do momento em que os artistas decidem assumir sua autonomia estética também assumiram a autonomia econômica.
Assim a produção artística deixa de contar com as encomendas e patrocínio e se torna mais empreendedora.

Pode-se dizer que os artistas, a partir do Modernismo, passam a fazer aquilo que acreditam e defendem isto oferecendo à sociedade algo novo, mas a sociedade não estava preparada para aceitar ou incorporar tais condutas, portanto há que se conquistar um novo público, pessoas que aceitem tais obras.

Aos poucos a reciprocidade do público se instaura.
Por insistência dos artistas, dos marchands ou compreensão da sociedade, as manifestações passam a ser aceitas, com isto abre as portas de novos negócios, especulação e investimento e além de produzirem Obras de Arte também se dedicam aos processos de Desenho Industrial, publicidade e propaganda e difusão em mídia.

Se as Belas Artes focavam as habilidades dos artistas no desempenho de suas funções plásticas e estéticas na representação do visível, as Artes Plásticas investem nas experiências, na invenção, nas investigações e na manipulação de materiais e suportes fazendo com que, não só os temas, mas também que as próprias configurações plásticas se tornem mais propositivas e menos representativas.

A visualidade, material ou virtual, ocupa a Arte Visual, ampliando a versão das Artes Plásticas, incluindo as máquinas “imaginantes” como a fotografia, o cinema e seus sucedâneos o vídeo e a fotografia digital. Neste contexto, construir imagens não depende apenas de habilidades humanas, mas também são obtidas ou resultantes de aparelhos capazes de captar a luminosidade e transformá-la em imagem, com ou sem movimento.

Se isto não bastasse, os desdobramentos da Arte na contemporaneidade admitiram as tecnologias computacionais e, por conta disso, passaram a ser realizadas dentro dos próprios aparelhos, sem que tivessem a necessidade de captar o entorno.

Os artistas, por sua vez, entenderam que fazer Arte não consistia apenas no domínio de habilidades psicomotoras e assim passam a atuar como criadores multidisciplinares e multimidiáticos.

Atos, performances, intervenções, ocupações, transformações de coisas, matérias, ambientes e meios se tornaram recursos da Arte. Os objetos não satisfaziam mais, portanto, foram desmaterializados, transformados em conceitos, proposições, em ocorrências no tempo e no espaço.

Os fazeres dos artistas deixaram de priorizar o manual e se tornaram intelectuais, cognitivos e mentais. Assim surgem os artistas contemporâneos.

Neste novo contexto, fazer Arte não é mais e só uma questão de construir coisas, mas sim de idealizá-las, virtualizá-las, exercê-las como atos, manifestações e manifestos espaciotemporais, ocorrências capazes de mobilizar, interagir e compartilhar Performativamente com os outros. Interação, comunicação, marketing, empreendedorismo, passaram também a interferir ou fazer parte da criação.

Não se fala mais em suporte mas em mídias, não se trabalha mais os materiais mas se apropria de coisas já existentes. Neste clima pós-tecnológico, a presença do artista também parece ser dispensável na medida em que a Inteligência Artificial passa a interferir nos processos criativos. Neste contexto entram em cena também os Gestores e Curadores e o Autor se reveste de novos poderes e possibilidades, um Pop, Super Star...

Olhando para o passado, vamos ver que a produção artística começou dependente da capacidade criativa e criadora de um indivíduo que, por sua conta e interesse, se propôs a elaborar imagens em busca de algum efeito ou resultado. Neste processo cria os meios intelectuais e materiais para realizar tais imagens. Se apropria dos recursos disponíveis na natureza para obter materiais e criar ferramentas e instrumentos capazes de registrar as imagens nas superfícies das cavernas, nos blocos de pedra, ossos e madeira.

O segundo estágio da produção artística, toma como tema as ações dos líderes: guerreiros, reis, rainhas, sacerdotes, conquistadores, heróis e mitos. As obras sendo destinadas às narrativas do poder limitavam a liberdade de expressão. Tal condição se manteve praticamente até o século XIX.

Os artistas eram quase que apenas artifícies, artesãos hábeis no trato dos materiais.

Sua condição não era diferenciada de outros operários que atuavam na construção e ornamentação.

É de se supor que este trabalho fosse realizado por equipes especializadas de canteiros, pedreiros, entalhadores, escultores, pintores e demais artificies para a construção de edificações, ornamentação e mobiliário.

A distinção ou qualificação social não os colocava na elite dominante, mas no contexto popular, com pouca ou nenhuma distinção.

Isto parecer ter se mantido por bastante tempo a ponto de, na Idade Média, as categorias de prestadores de serviço se organizarem, como já dito, em Corporações de Ofícios, chamadas de Guildas.

As Guildas eram responsáveis pela organização, qualidade e precificação dos serviços prestados pelos profissionais que subscreviam cada uma delas.

As Guildas mantiveram seu poder e hegemonia até a criação das Academias de Arte no Renascimento que reestruturou o modo como a formação e o serviço de Arte passou a vigorar a partir de lá.

A formação dos artistas/artificies era realizada nas oficinas dos Mestres pelos Aprendizes, supervisionada pelos Oficiais.

Este processo de ensino era informal e realizado na práxis operativa do fazer diário, nos quais aos aprendizes eram destinadas as tarefas mais simples e trabalhosas no cotidiano destas oficinas. Na medida em que iam demonstrando domínio técnico, podiam acender ao nível de Oficial mas, quase nunca, ao de Mestre, já que tal cargo era quase que hereditário.

Grandes oficinas como a de Michelangelo ou Raphael no Renascimento ou dos Bernini, no Barroco, eram responsáveis por grande parte das encomendas dos nobres, religiosos e particulares e sua produção de qualidade e em grande escala. Neste caso, seus ateliês contavam com muitas pessoas entre aprendizes, operários e oficiais.

Ao Mestre, em geral o proprietário, cabia a idealização, criação e negociação dos empreendimentos mas, nem sempre, realizar cada uma das obras pessoalmente. Eram responsáveis também pela administração, elaboração de projetos, esboços, maquetes e, eventualmente, acabamento das obras mantendo seu estilo ou “marca”.

A produção em larga escala deteve por muito tempo a força das Guildas, no entanto, para reduzir a pressão delas, os grandes patronos do Renascimento promoveram a criação das Academias de Arte. Deste modo foram sistematizados e oficializados os processos de formação e produção artística, incorporando ao fazer técnico a formação humanística como a filosofia e a história e intelectual como a geometria e matemática. Assim as Academias competem e mais tarde assumem o lugar das Guildas.

Em vista disso, as grandes oficinas também foram sendo reduzidas aos ateliês pessoais nos quais atuavam o artista e seus aprendizes ou assistentes. Assim a produção de obras reduz em termos de escala mas amplia em relação a diversidade estilística de oferta já que há mais artistas concorrendo no mercado.

Assim muitos templos, palácios, mansões são construídas sob a égide de novos artistas aumentando a diversidade estilística.

Mesmo assim a produção de imagens ainda competia aos artistas. Qualquer meio que dependesse delas, fosse no contexto da expressão qualificada de Belas Artes ou na Arquitetura e nas Artes Aplicadas como ornamentação, ilustração, editoração gráfica, produção de móveis tais serviços eram realizados por artistas. Durante algum tempo, eles sobreviveram muito bem neste tipo de produção.

No entanto, com o surgimento dos sistemas de reprodução, produção ótica e técnica de imagens, como a fotografia e demais processos fotomecânicos, os serviços prestados pelos artistas foram migrando para campos específicos como o da Arquitetura e do Design não vinculados necessariamente à Arte. Enfim aos artistas coube, quase que exclusivamente, sua presença no campo expressivo.

Neste percurso histórico pode-se perceber que o trabalho dos artistas acabou se fixando entre entre duas tendências a individual e a coletiva. Alguns ainda desenvolvem suas produções de modo autônomo e presencial. No entanto, atualmente os mais requisitados e de maior sucesso mantem ateliês, estúdios ou mesmo oficinas de grande porte e empregam vários assistentes. Além disso terceirizam muitos serviços paralelos ou correlatos.

Os projetos podem ser individuais, mas a execução coletiva ou terceirizada. Assim a Gestão em Arte deve também considerar que tais estúdios/empresas, a exemplo da Fábrica como chamou Andy Warhol ou o Science LTD de Damien Hirst, entendido como um laboratório científico, tentam dar uma nova identidade para o antigo estúdio, ateliê ou oficina requerem administração profissional pela complexidade que assumem como empresas, mesmo sendo de produção artística.

Gerir instituições de Arte na contemporaneidade é uma oportunidade e também um desafio para quem se prepara e se forma em cursos de Arte.

Os espaços expositivos não são só geográficos, mas também “midiográficos”, ou seja, a Rede Mundial de Computadores, assumiu uma importância crucial no contexto dos meios de comunicação, portanto, as chamadas Redes Sociais, substituem parte dos antigos eventos artísticos.

Acontecer na Rede é muito mais significativo do que acontecer na praça...

A visibilidade ou a pretensa popularidade que as redes sociais proporcionam tendem a obliterar ou concorrer com os ambientes tradicionais de visitação, conhecimento e difusão de Obras de Arte, mas o mercado especulativo continua em alta...

Lidar com gestão de eventos, institucionais ou carreiras em redes sociais é também um campo importante de serviços neste contexto.

Pode-se dizer que atualmente artistas operam em duas tendências distintas:

Uma que subentende a produção desinteressada cujo fim é contribuir social e esteticamente para o desenvolvimento da Arte e da cultura como um todo. Outro que está diretamente ligado ao mercado de produção comercial.

Aqueles que atuam na primeira tendência subsidiam a produção de suas obras com recursos próprios ou com subvenções institucionais e governamentais e dependem do circuito convencional de mostras e salões para sua inserção e direção na carreira.

Os que atuam na segunda estão estreitamente ligados aos marchands, galeristas e leiloeiros que operam em paralelo com o mercado financeiro e dependem de boas relações com os gestores do mercado de Arte e econômico.

No contexto da Arte atual, não se deve confiar apenas em talento inato, natural ou predisposição genética, cada um é responsável pelas suas próprias escolhas, logo, há que se desenvolver métodos em que participem o esforço, a criatividade, a experimentação e as proposições sintonizadas com o tempo atual, sem perder de vista questões importantes como sustentabilidade e inovação.

Assim pode-se destacar que fazer um curso dedicado à Arte Visual não implica apenas em desenvolver a capacidade criadora para a produção de Obras de Arte, mas atuar junto ao Sistema de Arte em várias outras linhas de ação como, por exemplo, Gestão de Carreiras, Administração de instituições, Curadoria, Mediação Artística, Pesquisa, Ensino entre outras possibilidades.

Grande parte dos artistas gerenciam suas próprias carreiras, no entanto, dada a complexidade da produção artística atual, bem como, a necessidade de informação, difusão midiáticas e também a busca por financiamento ou incentivo para a produção, nem sempre o artista está ou se habilita a atuar em todas estas frentes. Aqui entra a Gestão como prestação de serviços especializados.

Neste sentido, a formação em Arte Visual não se refere apenas à formação de artistas, mas à formação de pessoas habilitadas para atuarem no campo da Arte Visual em todas as suas dimensões profissionais, desde a pesquisa, serviços especializados, instituições e empresas das mais diversas características que envolvam a Arte e suas várias possibilidades e presença e inserção no contexto social atual.

Tipificando condutas.

Pode-se, a título de melhorar a compreensão sobre os artistas delimitar algumas categorias que possam separar diferentes “tipos artísticos” com o fim de facilitar a abordagem em relação a eles e facilitar a definição de campos aos quais pertençam ou que sejam potencialmente viáveis enquanto campos de Gestão em Artes Visuais. Assim, entender condutas e hábitos e vocações de pessoas e instituições é um aspecto importante para identificar possibilidades de atuação.

A partir de algumas atitudes recorrentes pode-se atribuir a elas alguns substantivos que identificam posturas e, com isto, delimitar algumas categorias de artistas: Autônomo; Idiossincrático; Amador; Anacrônico; Coletivo; Performático; Comercial.

Com isto é possível organizar abordagens diferenciadas para cada uma delas.

Autônomo é aquele que investe em suas próprias competências e habilidades. Sua produção é autoral e empreendedora. Sua produção pode ocorrer tanto nos campos poéticos tradicionais como os da Pintura, Desenho, Escultura, Gravura ou nos mais novos como da Fotografia, o Cinema, o Vídeo, Animação, podem ser analógicos ou digitais. Além delas também se dedica às atuais manifestações Performáticas, Interventivas e Instalações.

Tem suas próprias estratégias e domínio de produção e difusão que podem ser realizadas individual ou coletivamente, ou seja, a produção autônoma não significa ser realizada apenas pelo próprio artista, mas a partir de suas proposições e gerenciamento sobre equipes de trabalho com assistentes ou por meio da terceirização para empresas e profissionais de prestação de serviços especializados.

Idiossincrático: normalmente um indivíduo auto referenciado. Tende, em geral, a personalização de atitudes, poses e condutas. Centra em si o trabalho, cultua a personalidade e demonstra isto por meio de atitudes, indumentária e comportamentos, por vezes, arrogantes e performáticos. Estabelece uma hierarquia centrada em si mesmo.

Amador, é um praticante diletante, na maioria das vezes não se formou na área de Arte. Investe em sua produção sem expectativa de retorno, orientada pelo prazer, portanto opta por condutas ou poéticas de interesse pessoal sem importar-se com quaisquer referências históricas, estéticas ou conceituais. Aprecia cópias, cultua seus trabalhos e os usa como decoração ou para presentear.

Anacrônico, é um produtor conservador, pode ou não ter se formado na área de Arte. Pode reconhecer as transformações pelas quais a Arte passou nos últimos séculos, mas manter-se fiel à tradição acadêmica por acreditar que esta é a melhor solução para a Arte.

Assume o gosto clássico e, em geral, de vertente naturalista. Preza e valoriza as habilidades técnicas e o virtuosismo na execução de suas obras.

Coletivo. Atua em grupo, por meio de coletivos criativos. Priorizam atividades e condutas que mobilizam grupos e investem na produção conjunta e, em geral, não autorais. Se destinam, quase sempre, à intervenções no meio ambiente, em performances e instalações. Muitas vezes tem caráter de ativismo político ou de engajamento social.

Podem atuar também por meio de residências artísticas.

Performático, atua, em geral, individualmente em proposições autorais na realização de performances que podem ser promovidas em vários tipos de ambiente: abertos ou fechados, por meio de ações espontâneas ou programadas, coletivas ou privadas, dirigidas ou não a públicos específicos. Para ele a interação e participação dos espectadores é o mais importante.

Comercial. Tal conceito é atribuído, comumente, a artistas que obtém sucesso econômico por meio de suas relações com o mercado.

Seja por atender ao gosto reinante ou por meio da especulação e do protecionismo de investidores ou instituições que os promovem e se beneficiam de seu trabalho.

Outros aspectos dos artistas comerciais diz respeito ao desenvolvimento das obras independente de conceito, proposição ou estilo priorizando o aspecto mercantil de suas obras destinando-as ao comércio de decoração e ornamentação.

De um modo ou de outro, se limitam ao atendimento do gosto reinante junto ao seu público e mercado.

Compreender a posição e interesses de quem produz Obras de Arte é um fator importante para o exercício crítico. Seria inadequado avaliar, sob um mesmo parâmetro, todos os artistas pois cada um tem suas proposições, condutas e foco.

Para reforçar e aferir seus conhecimentos nesta unidade, responda as questões a seguir e envie.

1. Quais perfis os artistas assumiram ao longo da historia?
2. Qual a diferença entre os artistas tradicionais e os modernos?
3. O que diferencia Belas Artes, Artes Plásticas e Artes Visuais?
4. Por quais estágios a produção artística passou desde o início?
5. Quais as duas tendências de produção artística atuais?